

Desenvolvimento da Disciplina Interassistencial Através da Docência Universitária

Development of the Interassistencial Discipline Through University Teaching
Desarrollo de la Disciplina Interassistencial Através de la Docencia Universitaria

Kátia Arakaki*

* Psicóloga. Voluntária do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC).

karakaki@ig.com.br

Texto recebido para publicação em 21.09.10.

INTRODUÇÃO

Resultado. Após 8 anos e meio de docência universitária, esta autora parou para refletir sobre o saldo desta experiência profissional e identificou como *principal resultado o desenvolvimento da disciplina interassistencial*.

Objetivo. O objetivo deste relato é mostrar a rotina interassistencial na atividade docente, com desdobramentos energoparapsíquicos, mesmo fora da Conscienciologia.

Definição. A *disciplina interassistencial* é o conjunto de posturas e condutas conscienciais favoráveis à interassistencialidade qualificada a partir do conceptáculo e da manutenção do amparo de função e dos efeitos visíveis da regularidade de comportamento padrão interassistencial crescente.

Elementos. Eis 9 elementos *favorecedores da disciplina interassistencial* identificados na docência universitária:

1. **Semestres:** semestres uniformes, propiciando o *ciclo pedagógico início-meio-fim*.
2. **Regulares:** aulas regulares (diárias ou quase diárias) durante anos seguidos.
3. **Turno:** o fato de ser sempre no mesmo turno, fixando a rotina de trabalho.
4. **Horários:** a exatidão dos horários de início, término das aulas e do intervalo.
5. **Locais:** o fato de ser sempre nos mesmos locais.
6. **Interação:** a interação regular com alunos, funcionários e outros professores.
7. **Matérias:** a possibilidade de ministrar as mesmas matérias para cursos diferentes.
8. **Intelectualidade:** a exposição didática de ideias de base intelectual.
9. **Compromisso:** o compromisso com a formação profissional alheia.

Síntese. A repetição dentro do mesmo contexto favorece *as análises de desempenho* e possibilita *a correção de erros, o ajuste do disfuncional e a busca de maiores acertos*.

Didática. Adequar o método de dar aula ao perfil da turma, ou seja, a mesma disciplina ministrada de diversos modos diferentes produz melhores resultados.

Aprimoramentos. A qualificação da interação professor-aluno e o balanço semestral da performance professoral identificando a necessidade de ajustes, em detrimento da mera formalidade academicista, evita os automatismos e a mesmice docente.

HISTÓRICO

Entrevista. Em 2001, após mudança do Rio de Janeiro para Foz do Iguaçu, compareci à entrevista profissional em faculdade particular no novo domicílio.

Empregadora. Parte da conversa foi conduzida pela dona do estabelecimento de ensino superior, pois havia outra candidata, praticamente contratada para a função.

Admissão. Após examinar o currículo e fazer indagações, admitiu-me, ressaltando ter-lhe chamado a atenção as vivências de estudo e trabalho, embora pouco acadêmicas.

Experiência. Alguns semestres de monitoria nos tempos de faculdade eram a única experiência docente registrada na carteira de trabalho. No mais, havia a docência conscienciológica, inclusive itinerâncias nacionais e internacionais, e as memórias da infância de dar aulas de francês para a avó, aos bichos e às bonecas.

Viabilização. Aquele emprego foi muito importante para viabilizar o voluntariado no Holociclo, pois a orientação era de primeiro conseguir a fonte de sobrevivência financeira para depois se disponibilizar às pesquisas mentaissomáticas.

Técnico. Inicialmente, além das aulas na faculdade, ministrava outras disciplinas no curso técnico de Hotelaria do mesmo grupo de ensino, por exemplo, *Ética Profissional*.

Rapport. Diante da experiência com viagens e pesquisas em Viajologia, sentia-me confiante para estabelecer o *rapport* necessário com os alunos do curso.

Turmas. As turmas do curso técnico eram pequenas e as aulas, realizadas em salas menores e aconchegantes, com mesas coletivas, onde todos sentavam juntos, gerando maior proximidade e interação.

Alunato. Grande parte do alunos era proveniente de outros estados, e, nesse início, foi bastante acolhedor estar entre forasteiros.

Clima. Na época, a faculdade ainda era pequena, oferecendo poucos cursos à comunidade. Até então, esse grupo de ensino havia criado tradição no ensino pré-escolar, fundamental e secundário, havendo, portanto, predominância do clima escolar.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Aulas. Eu voluntariava de dia no Holociclo e dava aulas à noite. O tempo era limitado para preparar as aulas. Foi quando inventei metodologia eficaz para elaborá-las.

Banco. Criei banco de dados de materiais de acordo com as temáticas das disciplinas: textos; dinâmicas; exercícios; testes; questionários; filmes; vídeos; livros; dentre outros. Era vasto o cardápio de possibilidades. Conforme o perfil da turma, selecionava os materiais mais adequados e organizava a aula.

Período. Outra técnica utilizada para preparar as aulas, era verificar o tempo disponível e terminar a aula naquele período. Então, por exemplo, se eu dispunha de apenas uma hora, teria de dar conta de compor a aula em 60 minutos.

Criatividade. A escassez de tempo fomentou a criatividade na composição dos conteúdos das aulas. Somado a isso, surgiram inspirações de base parapsíquica para condução das aulas, aos moldes das inspirações para a escrita conscienciológica.

AUTO-ORGANIZAÇÃO

Orientação. Desde o início da docência universitária, procurei seguir a orientação fornecida em tertúlia: *deitar meia hora antes de ir dar aula*. Escurecer o quarto e permanecer deitada, quieta, de olhos fechados, mesmo que não conseguisse dormir.

Pausa. Essa pausa promovia a desassimilação das atividades desempenhadas ao longo do dia, descansava o soma e zerava a mente para novas experiências. Segundo o professor Waldo Vieira, essa técnica favorece o conceptáculo para o amparo de função.

Tempo. Houve dias nos quais fiz a técnica durante mais de 30 minutos. Já em outros, em 15 minutos me refazia e, sem tempo, partia rumo à faculdade.

Cansaço. Nos dias de cansaço, devido ao intenso trabalho diurno, percebia atuação do amparador de função. Nos dias de cansaço, devido à desorganização pessoal, geralmente sentia sonolência antes do final da última aula e sofria de brancos mentais.

Ajuda. Provavelmente, esse amparo de função tenha sido coadjutor em *nunca faltar nesses 8 anos e meio* devido a problemas pessoais e conseguir dar aula com febre, com cistite, com voz rouca, com dor de barriga, com crise de timidez ou sem ter jantado.

Saúde. Quanto mais acumulava tempo de trabalho na faculdade, mais responsabilidade sentia no sentido de manter a saúde para não adoecer e estar sempre bem para lidar com os alunos. Eu evitava qualquer atividade extra concorrente, ameaçadora da atividade docente, a qual pudesse causar dispersão ou desgaste excessivo.

Disposição. Com o tempo, regrei o sono, a alimentação e as atividades diurnas, fatores básicos para manter a boa disposição ao longo das aulas noturnas, por vezes, terminando às 23h30. E dormia o suficiente para ter o descanso necessário.

Horários. Os horários do Holociclo e da faculdade me auxiliaram a disciplinar as saídas para resolver questões pessoais: banco, supermercado, compras em geral.

Organização. Aprendi a resolver tudo rápido, antes da faculdade, 1 ou 2 dias na semana. E percebi: quanto mais me organizava, mais recebia amparo para resolver tudo rapidamente através da *onda de sincronidades*, aos moldes do verbete *Dia Matemático* (VIEIRA, 2010, p. 2.692).

Antecedência. Também, desde o início, apliquei a *técnica da antecedência*. Aos docentes, era solicitado estar na faculdade pelo menos 20 minutos antes da aula. Praticamente em todos esses anos, cheguei em torno de 1 hora antes do horário. Faz muita diferença chegar cedo, antes da primeira aula, do que, por exemplo, no horário do intervalo, quando a faculdade já está lotada.

Jantar. Com isso, passei a jantar em restaurante chinês, próximo, já aberto às 17h30. Jantava e seguia nutrida para a Faculdade. A partir da inauguração do *Shopping*, alimentar-se em horários alternativos ficou mais fácil.

DIFICULDADES

Incompatibilidade. Em relação aos acadêmicos, houve incompatibilidade inicial. Eles reclamavam das aulas: vocabulário difícil, muita matéria, exposição rápida. Eu reclamava da diligência: falta de leitura em geral, baixo nível de dedicação, indisciplina, falta de concentração.

Mudança. A situação conflituosa se prolongou até quando resolvi mudar e começar a pensar mais nos alunos. Foi parar de reclamar e começar a prestar a interassistência.

Aprendizado. Esse aspecto foi muito sério porque aprendi a *dosar a informação* e a *dar mais valor à interação* com a turma e com cada perfil de aluno. Reparei *o quanto era necessário a afetividade em sala de aula na melhoria da intelectualidade dos alunos*. E foi quando percebi o quanto idealizava nível de aprendizagem praticamente inviável em função da base escolar dos alunos. No começo, cometi enganos e colocações indevidas, identificadas nas reflexões posteriores às aulas, e aprendi *o que falar e o que não falar*.

Choque. Inicialmente, padecia do *choque holopensênico* de sair do Holociclo e chegar em ambiente universitário, repleto de jovens impulsivos, psicossomáticos, em pleno turbilhão da juventude.

Assim. Voltava para casa assimilada, não conseguia me desligar para dormir e tinha pesadelos. Esse quadro se repetiu inúmeras vezes, até eu criar mais defesas e desenvolver estratégias para lidar com a situação.

Retorno. A ida era mais tranquila, mas o retorno para casa, difícil devido aos aspectos mencionados. Tenho observado que quem dá aula à noite fica “pilhado”, “cheio de gás” e apresenta dificuldades para dormir ao chegar em casa, mesmo sentindo cansaço.

Soluções. A dificuldade nos obriga a buscar soluções. Aos poucos, além de todo o ritual somático de tomar banho (alivia o cansaço), alimentar-se, fazer atividade relaxante, era necessário muito EV, e mudar o foco da pensividade, isto é, cortar pensamentos e emoções sobre as aulas, os alunos e a faculdade.

Desligamento. Depois de muito tempo, a situação começou a melhorar. Fui aprendendo a *desassimilar nos intervalos*: no banheiro, trabalhava as energias, alongava para desfazer tensões e lavava as mãos. Passei também a *desligar os motores*, antes de chegar em casa, entrando em relaxamento somático pró-sono noturno.

Resistência. As atividades diárias ou quase diárias de docência universitária foram pouco a pouco aumentando a resistência energética e, após determinado período, não sentia tanta diferença entre estar no Holociclo ou estar na faculdade.

AMPARO DE FUNÇÃO

Amparo. Depois de vários anos, houve o estabelecimento do *amparo de função automático*: era pisar na faculdade e sentia a mudança de padrão. Podia estar cansada, com problema de saúde, mas ao adentrar no prédio da faculdade, ocorria a transformação.

Indireto. A exceção ocorria quando estava aborrecida, com autoassédio, aí não ocorria a conexão direta com amparo. Nesses dias, muitas vezes, recebia assistência energética, emocional e ideativa de outros professores, alunos e funcionários. Sentava determinada professora perto de mim e eu sentia aquela doação energética. Ficava pensando se ela dispunha de conhecimentos sobre energias, até saber que era católica. Às vezes, eu estava na biblioteca, tentando me consolar com os livros, passava outra professora, abanava a mão para mim e vinha aquele jato de energias positivas e acolhedoras. Era impressionante as falas dos alunos em aula e as breves interlocuções com funcionários nos trajetos até as salas. Era marcante a *presença indireta do amparo de função*.

Energizar. Outro aspecto curioso observado eram os diferentes movimentos energéticos de acordo com as aulas. Com o tempo, notei que *nas aulas no início da noite*, deveria *energizar os alunos recém-chegados do serviço, esgotados*. A grande maioria trabalhava em tempo integral. Então, chegava antes na sala de aula e exteriorizava energias no ambiente.

Limpeza. Após desconfortos frequentes, reparei sentir variedade de coisas esquisitas devido à assimilação com a turma: dores súbitas, estados emocionais atípicos, fadigas, dentre outros. Entretanto, era começar a aula, às vezes sob forte pressão energética, dali a meia hora tudo passava e o ambiente melhorava. Percebi o quanto era necessário falar bastante, colocando energia na voz para limpar o ambiente.

Entreter. Já *nas aulas dos últimos horários*, notava a necessidade de *entreter os alunos para prestarem atenção e apaziguá-los para todos irmos para casa menos agitados e mais serenos*.

Histrionismo. Passei a selecionar atividades mais apropriadas em função desse padrão repetitivo e desenvolvi o histrionismo técnico, ou seja, encenações para ilustrar o conteúdo da disciplina e dar “molho” às aulas, conforme observava nas tertúlias, pois havia percebido ser relaxante para os alunos.

Extras. Outra saída eram os *jogos pedagógicos* e as *charadas lúdicas*¹ para os alunos não saírem mais cedo. Assim, além de levar atividades extras, às vezes, inventava-as na hora.

Entrosamento. Às sextas-feiras², houve ocasiões de permanecer até quase meia-noite em sala devido ao entrosamento da turma com a aula, havendo a perda do horário.

Motivacional. Trabalhar a condição motivacional dos alunos era muito importante. Portanto, quando a turma estava desanimada ou sem predisposição para estudar certas matérias, mudava o roteiro da aula na hora, pois costumava trazer segunda opção de conteúdo. Nesse caso, dispor da síntese dos conceitos das disciplinas e conhecer dinâmicas envolventes contribuía para essas situações.

Rapport. Ainda em relação à cronêmica, observei a *importância das semanas iniciais da disciplina para criar rapport, vínculo e boa interação com a turma*. Aproveitava para mapear os estudantes, procurando identificar os alunos pontos de apoio energético³ nas aulas e os alunos problemáticos, conforme aprendemos na docência conscienciológica. Já nas *semanas finais da disciplina*, promovia o *desligamento paulatino da turma*⁴, incluindo a despedida em doses homeopáticas.

INTERASSISTÊNCIA

Terapêutica. A docência universitária foi, durante anos, terapêutica para mim, onde fazia higiene mental dos assuntos da CCCI. Pensava: “eu deveria estar pagando para trabalhar.” Com isso, adorava estar no Holociclo (assistida), no CEAEC, e também, dar aulas na faculdade (assistente) – ambos laboratórios da interassistência.

Abstinência. Nas férias, sentia muita falta da sala de aula, das turmas e dos alunos. Era verdadeira crise de abstinência. Quase cheguei a chorar de saudades da dinâmica acadêmica.

Proxêmica. Esse exercício semestral de criar vínculos e, ao final, me desapegar trouxe reflexões sobre a importância de aproveitar as pessoas enquanto estamos junto delas.

Acoplamento. Durante o semestre, percebia o acoplamento com as turmas, o qual cessava ao término das aulas. Mesmo nos feriados e finais de semana, o professor ainda mantém certa ligação com alunos, pois prepara aulas, corrige trabalhos e provas.

Atenção. Com o tempo, aprendi a deixar as questões pessoais do lado de fora da porta da faculdade e a focalizar a atenção nas aulas e nos alunos quando ali estivesse.

Solicitação. Mas essa postura de concentrar-me integralmente nos alunos demorou, antes disso, a coordenação geral me solicitou atender os universitários com problemas e respectivos responsáveis.

Coordenador. Na época, já ministrava disciplinas no curso cujo coordenador era assistencial e realizava esse trabalho de atendimento, de chamar os pais para conversar sobre desempenho dos filhos, o qual eu julgava colegial.

Experiência. Essa nova requisição da faculdade me fez lembrar de quando atendia na Enfermaria de Psiquiatria na Santa Casa, no Rio de Janeiro.

Ocorrência. Certa vez, tive experiência com posseção de paciente durante o atendimento, em consultório no segundo andar, onde era necessário atravessar 2 corredores para conseguir descer a escada longa até chegar na recepção, onde havia mais gente.

Amparador. Na ocasião, houve atuação de amparo. O homem era grande e relatava justamente o episódio de agressão à própria filha, quando ficou transfigurado e levantou-se. Eu me levantei, coloquei os braços para frente, ao modo e reação instintiva, e não me lembro do que cheguei a lhe dizer. Ele voltou a si, sentou-se e começou a chorar. Depois dessa sessão, nunca mais retornou.

Cuidados. O “aperto” daquele dia me fez pensar nos cuidados ao atender qualquer pessoa. A partir de então, passei a posicionar a cadeira perto da porta, para, caso necessário, solicitar ajuda.

Faculdade. Voltando à faculdade, a incumbência dos atendimentos não me agradava, no entanto, não tive alternativa. Como não havia sala disponível para os atendimentos, foi indicado atender na coordenação, toda envidraçada, na biblioteca ou no pátio.

Acoplada. Outra recordação da época da Santa Casa era ficar acoplada com os pacientes antes e depois dos atendimentos, pois não dominava a desassim.

Ocorrência. O mesmo voltou a ocorrer na faculdade. De tarde, começava a sentir coisas estranhas. Deduzia que atenderia alguém, mesmo quando ainda não fora avisada.

Dificuldade. Essa foi outra fase de muita aprendizagem em relação à interassistência. Eu não gostava muito da atividade, devido à dificuldade energética para lidar com a situação. No entanto, não havia possibilidades de recusa e fui enfrentando os casos.

Realidade. Desse modo, passei a conhecer a realidade dos estudantes, comecei a ficar sensibilizada com as histórias, e senti vontade de melhorar e de consertar a vida de todo mundo. O realismo diante dessa impossibilidade foi grande aprendizado para mim.

Tenepes. Encaminhava pedidos para a tenepes do professor Waldo Vieira. Assim, adentrei em dramas da vida humana, situações jamais imaginadas de acontecer com pessoas para as quais você olha e pensa viverem bem.

Surpreendência. Os resultados da tenepes surpreendem. Em grande número de casos, a impressão era de ter retirado a consciência do soma e colocado outra no lugar, tamanha a mudança comportamental, fisionômica, física, energética da conscin.

Desdobramentos. O mais interessante foi acompanhar ao longo dos semestres os desdobramentos da tenepes na vida dos assistidos. Testemunhei mudanças de destino indescritas nas estórias infantis ou filmes fictícios.

Frustração. Por outro lado, experienciei a frustração interassistencial, ao saber de caso de suicídio e não ter tido como ajudar. E recebi a lição: *não se ganha todas*.

Atenção. Esse fato me abalou e me fez refletir sobre a importância de se estar atento ao que acontece ao redor para conseguir participar dos mecanismos interassistenciais.

Proativa. A ocorrência contribuiu para eu ficar mais conectada ao ambiente e proativa em termos interassistenciais. Percebi a necessidade do *timing* na assistência oportuna.

Postura. A partir desse fato, comecei a desenvolver a postura de verificar se havia alguém precisando de ajuda nos ambientes, orientação fornecida por amiga cognopolita.

Sondagem. Essa sondagem era feita de diversas maneiras, mas principalmente através de observações, de conversas e da predisposição íntima de ajudar.

Intermediários. Em alguns casos, tomava conhecimento das problemáticas através de intermediários, pessoas próximas ao necessitado.

Família. Ao longo do tempo, a comunidade acadêmica virou uma grande família, com afinidades, pontos de conflitos e outros aspectos comuns na convivência grupal diária.

Minimização. As confissões dos dramas dos estudantes me envergonhavam dos próprios problemas e, com isso, havia a minimização das atribuições pessoais.

Dificuldades. Muitos alunos bem jovens haviam constituído família, com filhos, trabalhavam o dia inteiro e, dentre adversidades múltiplas, passavam aperto financeiro.

Atendimentos. A partir de determinado ponto, tornei-me mais confiante em fazer os atendimentos psicopedagógicos na comunidade acadêmica e a variedade de casos aumentou: individuais, parentais, intergrupais, intragrupais, do corpo discente, docente, coordenadores, funcionários. Em vários dias da semana, aparecia alguém pedindo ajuda.

Substituição. Nessa época, quando disponível, também substituí os professores faltantes, até de última hora, evitando deixar os alunos sem aulas.

Contato. Dessa forma, tive contato com mais turmas além das próprias, ocasionando a conexão necessária para os alunos com dificuldades me procurarem em outros momentos.

PARAPSIQUISMO

Parafenômenos. Em termos de fenômenos, comecei a ter clarividência espontânea em sala de aula. Estava dando aula e, de repente, a aura dos alunos acendiam e eu conseguia vê-las nitidamente, melhor do que nas dinâmicas parapsíquicas. Achava tudo muito curioso e não sabia explicar o porquê das ocorrências.

Energias. Houve dias nos quais senti padrões energéticos interessantes. Não me esqueço da energia de megafraternidade fortíssima⁵ percebida em determinada aula. Não soube relacionar com nada específico, nem com a turma, nem com o conteúdo da aula, até hoje, desconheço a explicação para a manifestação presenciada.

Baratrosfera. Por outro lado, houve dias de chegar na sala de aula e sentir-me na Baratrosfera. Os rostos estavam transfigurados, os alunos assediados, o holopensene difícil de dar aula. Com o tempo, conciliei *dar aula e fazer o EV simultaneamente* para sobreviver.

Ideias. Depois de vários anos, identifiquei o amparo de função na associação de ideias. Com inteligência aguçada e memória afiada, os exemplos eram lembrados muito além dos preparados e essa condição aumentou minha autoconfiança. Em determinadas aulas, expunha ideias úteis para mim, semelhante à docência conscienciológica.

Gescons. Inspirações para o livro em elaboração, pesquisas e artigos conscienciológicos *brotavam* na minha cabeça simultaneamente. Certa vez, tive a experiência de terminar a aula, sair de sala e ter a inspiração de capítulo inteiro de livro, em bloco, desencadeado a partir do tema da aula.

Fluxo. Tornou-se rotineiro o fluxo ideativo para as gescons no caminho para a faculdade e nos intervalos entre as aulas, mesmo sem estar pensando sobre o assunto. Presumo ser isso o parapsiquismo intelectual, fator otimizador do melhor aproveitamento do tempo.

Amparabilidade. Outros exemplos de amparabilidade, identificados ao longo da docência universitária, foram: inspirações variadas em situações críticas; mensagens assistenciais vindas através dos alunos e dos trabalhos dos mesmos; telepatia de amparador na hora exata para responder desaforo de aluno; roupa emprestada pela coordenadora ao chegar molhada de chuva na faculdade; benquerência das alunas mais velhas⁶ contrariando a competição feminina; amparo na grade de horários⁷ ao longo dos semestres. Por exemplo, quando minha avó dessomou, ocorreu atraso no início das aulas devido ao surto de gripe suína, também fui escalada em poucas disciplinas e houve mudança das turmas para o prédio mais ventilado da faculdade.

OUTROS ASPECTOS

Organização. Dentre os itens importantes na organização pessoal do professor: visual decente e antisedutor, ou seja, apresentação pessoal digna de sala de aula; garrafa de água mineral sem gás e sem gelo para cada 2 horas-aula; lanterna na pasta para falta de luz; e anotações sobre alunos e turmas.

Exemplarismo. Sem dúvida, o exemplarismo alheio enriquece a vida da conscin atenta. Dentre as personalidades marcantes na atividade docente, destaco o exemplarismo observado nas tertúlias, o exemplarismo do coordenador específico dessa faculdade e a lembrança do exemplarismo de certos professores do passado, principalmente relativas ao intercâmbio.

Dicas. O intercâmbio docente é fundamental no sentido de trazer novas metas. Certa vez, um professor se sentou ao meu lado no intervalo e revelou ler durante 3 horas todos os dias. Aquilo me causou impacto pois, na época, dispndia todo o tempo para atender os compromissos assumidos. Mas ponderei: um bom professor precisa ler muito, um dia quero alcançar essa condição. E aquela informação era recorrente no pensamento e o mais curioso, nunca mais vi esse professor na faculdade.

Provas. Havia outra professora amiga cujas turmas eram muito grandes. Certo dia, ela me disse: – “A única forma que encontrei de evitar problemas na correção de provas foi fazer provas objetivas. Demoro horas elaborando as questões, porém os conflitos com os alunos diminuem na correção”. Essa dica, aparentemente simples, ajudou-me muito em turmas dali para frente, porque até então elaborava provas somente dissertativas⁸.

Desafios. Dentre os exemplos de desafios vivenciados nesses anos de docência universitária: superação do machismo dos acadêmicos da área tecnológica; superação do holopense comocionalista das turmas com predominância feminina; estudantes alcoolizados, intoxicados e consciexes em sala de aula; alunos intimidadores; tentativa de integrar turmas rivais ou com brigas internas; levantar turmas abandonadas ou abandonadoras. Dentre sucessos e fracassos, cabe ressaltar os casos de conquista de alunos problemáticos e o caso da aluna mais difícil quando se sentiu ajudada, melhorou e mudou de lado.

Fórmula. Para lidar com diversas situações complexas surgidas, foi importante: a disponibilização pessoal para os alunos; o foco de interesse nos alunos; a intercompreensão e a afinização com os alunos; a intenção em contribuir para a vida dos alunos; a análise dos alunos; a dosagem afetiva para evitar dependências; a paciência docente; a presença de coordenador interassistencial fazendo a integração entre professores e gerando sinergismo entre todos. Um profissional mais positivo numa instituição pode fazer muita diferença.

Pessoal. Em termos pessoais, o esforço maior foi pensenizar bem de tudo e de todos, evitando os patopenses e o enfraquecimento do holopense pessoal. Outro aspecto foi vivenciar crises de crescimento em função das reciclagens conscienciológicas concomitantes à sustentação de estar falando diariamente à frente do público.

Contrapartida. Em geral, a conscin voluntária valoriza a assistência e não apenas o cifrão. Ainda assim, o salário pago em dia é fator tranquilizador para o bom desempenho docente. Nesse sentido, a faculdade mostrou-se sempre profissional. A liberdade concedida pela instituição aos docentes no preparo de aulas e atividades, também foi motivador.

Tempo. Todos esses anos de docência universitária passaram como estalo de dedos. O tempo voa, não se sente. O sinal chega e é hora de mudança. O desenvolvimento interassistencial exige novos desafios. A sequência das campanhas, anunciando o horário das aulas, ainda perdurou na memória durante meses.

Fidelidade. O maior aprendizado da experiência relatada foi: *nunca trair os assistidos, não importam as circunstâncias*. A fidelidade à assistência precisa ser superior a qualquer tipo de lealdade às instituições, às lideranças e aos procedimentos.

NOTAS

¹ Existem diversos tipos de jogos pedagógicos e charadas lúdicas, ou seja, complementos às aulas, os quais o professor pode elaborar, caso tenha tempo disponível, a partir do próprio conteúdo da disciplina e do formato da turma. ex: perguntas e respostas; problemas para serem solucionados; exercícios de associações de ideias da matéria com aplicabilidade na vida real; enigmas, dentre outros.

² Na sexta-feira, os alunos querem ir embora mais cedo. Nesse dia, muitos professores não conseguem segurar os alunos em sala de aula. Nos demais dias, esse problema tem menos intensidade. Em certas sextas-feiras, ao sairmos mais cedo, praticamente todos já haviam ido embora da faculdade, mesmos as turmas que ainda tinham aula nesse horário.

³ Técnica aprendida na docência do ECP-1. O professor ao conhecer os alunos tem mais facilidade para dar aula porque sabe como lidar melhor tanto com alunos que favorecem quanto aqueles que atrapalham, e, assim, direcionar melhor a aula.

⁴ Desligamento paulatino da turma é o professor passar a injetar menos energia no vínculo com os alunos, falar da aproximação do final do semestre, ou seja, preparar os alunos e a si mesmo para o encerramento das aulas.

⁵ Estava no meio da aula, quando, de repente, comecei a sentir um padrão energético diferente e identifiquei como sendo de um sentimento de harmonização com tudo e com todos.

⁶ Nem sempre uma professora mulher mais jovem é bem aceita por alunas mais velhas devido à competitividade feminina.

⁷ Por exemplo, no semestre da dessoria de minha avó, recebi poucas aulas; quando iniciei a tenepes, idem. Na época da gripe H1N1, me colocaram em sala no corredor mais arejado da faculdade e por aí vai. Mesmo com variações da grade de horários, no final, percebia que era beneficiada pela mesma e que ela se conjugava com minhas outras atividades em andamento. Na faculdade onde trabalhava, é muito difícil de escolher horário, você deve aceitar o que eles dão e percebi que, de alguma forma, era beneficiada das necessidades do momento, mesmo sem falar nada. Outro exemplo: havia semestre em que estava com o orçamento financeiro apertado e, no meio do período, surgiam aulas não planejadas para eu ministrar.

⁸ Provas dissertativas oferecem maior margem para, caso necessário, passar aluno sem conhecimento suficiente.

REFERÊNCIAS

1. **Veira**, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica*; 6ª Ed.; CD-ROM; 1.820 verbetes; 7.200 p.; 300 especialidades; Associação Internacional Editares; & Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2010; página 2.692 (Verbetes: *Dia Matemático*).

Leitura recomendada:

1. **Antunes**, Celso; *Professores e Professauros: Reflexões sobre a Aula e Práticas Pedagógicas Diversas*; 200 p.; 27 caps.; 2ª ed.; Vozes; Petrópolis, RJ; 2008.

2. **Feijó**, Caio; *Preparando os Alunos para a Vida*; 134 p.; 14 caps.; Novo Século; São Paulo, SP; 2008.

3. **Gil**, Antonio Carlos; *Metodologia do Ensino Superior*; 122 p.; 11 caps.; 4ª ed.; Atlas; São Paulo, SP; 2008.

4. **Moretto**, Vasco Pedro; *Prova: um Momento Privilegiado de Estudo, Não um Acerto de Contas*; 144 p.; 10 caps.; 8ª ed.; Lamparina; Rio de Janeiro, RJ; 2008.

5. **Pimentel**, Carlos; *Dicionário de Oratória*; Série Ferramentas do Desempenho; 168 p.; Impetus; Rio de Janeiro, RJ; 2003.

6. **Ramsey**, Robert D.; *501 Dicas para Professores: Ideias, Estratégias e Sugestões devidamente Testadas (501 Tips for Teachers)*; 144 p.; 5 partes; Replicação; Lisboa; Portugal; 1999.

7. **Zabalza**, Miguel A.; *Diários de Aula: um Instrumento de Pesquisa e Desenvolvimento Profissional (Los Diários de Clase: Um Instrumento de Investigación y Desarrollo Profesional)*; 160 p.; 6 caps.; Artmed; Porto Alegre, RS; 2004.